

AS MULHERES NA LUTA DE CLASSES DESDE A ASSIM CHAMADA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

WOMEN IN CLASS STRUGGLE SINCE THE SO-CALLED PRIMITIVE ACCUMULATION

Priscila Teixeira de Carvalho¹

Resumo: Quando se atribui à acumulação primitiva a condição de possibilidade para o desenvolvimento do capitalismo sem considerar a política feminicida, a usurpação do controle reprodutivo das mulheres e seu confinamento no trabalho-doméstico-não-remunerado, deixa-se de enxergar concomitantemente o papel que as mulheres exerceram na História da luta de classes e as engrenagens do patriarcado moderno, ainda vigentes. Com o propósito de refazer esse caminho teórico, Silvia Federici compõe as contribuições de teóricas materialistas não ortodoxas, que, como ela, investem nesse acerto de contas com a história. O objetivo do presente trabalho é acompanhar esse resgate analítico, mostrando que só foi possível devido à leitura feminista materialista histórica.

Palavras-chave: Acumulação primitiva, Luta de classes, Divisão sexual de trabalho, Patriarcado, Silvia Federici.

Abstract: *When primitive accumulation is attributed to a condition of possibility for the development of capitalism without considering the femicide policy, an usurpation of the reproductive control of women and their confinement in unpaid-domestic work, one fails to see at the same time the role played by women. Women exercised in the History of the struggle of classes and the gears of modern patriarchy, still in force. With the purpose of retracing this theoretical path, Silvia Federici composes the contributions of non-orthodox materialist theorists, who, like her, invest in this settling of accounts with history. The objective of the present work is to accompany this analytical rescue, showing that it was only possible due to the historical materialist feminist reading.*

Keywords: *Primitive accumulation, Class struggle, Sexual division of labor, Patriarchy, Silvia Federici*

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre e doutora em filosofia pela Universidade federal do Rio de Janeiro.

Na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para reprodução e a acumulação de trabalho.

FEDERICI, 2004, p. 25

Como acontece em outras temáticas e áreas de investigação, quanto mais hodierna a investigação feminista, mais mapeamentos se pode ter em vista e, conseqüentemente, mais amplitude de olhar se faz possível. Por essa razão, a soma e conexão de vários fatores demonstram que economia e cultura são esferas igualmente atuantes na produção da condição de subalternização das mulheres. Essa constatação, no entanto, não esgota nem explica por si mesma como o patriarcado se operacionaliza na modernidade, momento em que a Filosofia e as demais Humanidades lançam promessas emancipatórias animadoras contra os velhos grilhões, mas os renovam de forma mais sofisticada contra as mulheres, esteios para que a outra metade da humanidade possa se sentir autônoma, já que o androcentrismo não está na lista das formas de opressão a serem superadas. As teorias feministas se dedicam à árdua e multidisciplinar tarefa de investigar a engrenagem patriarcal. Também como em outras temáticas, entre as análises feministas há várias abordagens e, em função do campo de visão histórica alargado em relação ao peso que um modo de produção possui na configuração das relações sociais, a maioria das teóricas inclui o capitalismo no cerne das investigações sobre o patriarcado moderno². Entre essas estão, principalmente, e desde a primeira hora, as materialistas históricas³. Algumas dessas teorias adotam de forma ortodoxa esse exame, enquanto as teóricas não ortodoxas adotam elementos estruturais desse exame, mas, sobretudo, adotam a metodologia de investigação, revisando algumas conclusões e escopos conceituais que não abarcam a situação das mulheres no bojo da formação e desenvolvimento do capitalismo. É neste grupo de teóricas que encontramos a filósofa Silvia Federici. O objetivo desse trabalho é mostrar duas importantes contribuições do trabalho de Federici, acompanhada pelos trabalhos de Dalla Costa, James e Mies, a saber: o registro do papel das mulheres na História da luta de classes e a superação do distanciamento e antagonização entre classe e gênero.

² O feminismo decolonial defendido pela filósofa María Lugones é uma posição também construída a partir do exame do capitalismo e sua dependência dos constructos raça e gênero.

³ Abordagem que se apoiam na metodologia materialista utilizada no exame realizado por Karl Marx e Friedrich Engels sobre o capitalismo.

1 Entendendo a controvérsia

Em suas pesquisas sobre as origens da subjugação das mulheres Federici esbarra em limitações em duas perspectivas feministas com as quais entra em contato, a saber: o feminismo materialista ortodoxo e o feminismo radical. O feminismo materialista ortodoxo é a única contribuição feminista que já nasce enxergando bases de interesses materiais na origem da manutenção do patriarcado, porém relaciona a desvalorização dos trabalhos das mulheres com a causa da falta de igualdade entre os sexos e não com o desenvolvimento do capitalismo. Para Federici isso implica buscar nos aspectos culturais as bases do patriarcado, mas sem examinar suas bases materiais. Já a perspectiva feminista radical identifica a subalternização das mulheres em suas diferenças corporais e metabólicas que as tornam reféns ao domínio masculino sexista, sobretudo devido à maternidade. Além de representarem desvantagens e prejuízos para o capitalismo, tornando-as trabalhadoras vistas como menos “produtivas” do que os trabalhadores homens. O feminismo radical contribui para análise do porquê os corpos das mulheres as vulnerabilizam no jogo das relações de poder, mas não enxerga como são úteis ao capitalismo. Como nenhum das duas análises examina as bases materiais da exploração das mulheres e da sustentação do patriarcado moderno no bojo do capitalismo, Federici volta-se para as análises das feministas materialistas não ortodoxas, que retomam, sobre outro parâmetro, o exame realizado por Karl Marx sobre o processo que daria suporte ao desenvolvimento do capitalismo, qual seja: a acumulação primitiva. Se resta se voltar às investigações sobre o processo propriamente capitalista, buscando nele a função desempenhada pela exploração e a dominação das mulheres, inserir nessa análise o corpo vista do ponto de vista materialista faz da perspectiva desenvolvida por Sílvia Federici um diferencial. A ideia é extrair o potencial explicativo da transição do feudalismo para o capitalismo, fase na qual Karl Marx localiza as condições de acumulação necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, nomeada por Adam Smith de acumulação primitiva.

A filósofa revê aspectos do exame de Marx desde sua perspectiva feminista acurada e explica como se deu a exploração das mulheres, assim como seu papel de protagonismo de resistência. Ao fazê-lo, Federici apresenta objeções a alguns passos do exame realizado por Marx. Concentro-me em duas das questões históricas e conceituais: a tese do progresso histórico atribuído à “transição” do Feudalismo para o Capitalismo e a tese segundo a qual tal transição teria implicado e resultado em liberdade para a classe trabalhadora.

2 Mais controvérsias: o que nos diz Marx?

Ao examinar as condições de possibilidade do desenvolvimento do Capitalismo, um dos passos de Marx é revisar as teses da Economia Política, se voltando para a formulação de Adam Smith. Smith, responsável pela formulação da tese segundo a qual o trabalho é o responsável pela geração da riqueza, atribui a esse as condições que permitiram a fundação do modo de produção capitalista: uma *acumulação primitiva* de riquezas proveniente do trabalho, levando a concluir que seria essa a razão de alguns serem os donos dos meios de produção capitalista. Com essa explicação sem base em imersão investigativa na História, Smith faz parecer justíssima as bases fundacionais do Capitalismo. Marx afirma a necessidade de retirar o manto “mítico” com o qual Smith reveste a acumulação de capital. Embora adote a tese da produção da riqueza a partir do trabalho, Karl Marx examina o cenário concreto no qual se deram as condições para a fundação do Capitalismo. Para os presentes propósitos podemos dizer que Marx demonstra que *a assim chamada acumulação primitiva* (MARX, [1876], 2011) resulta de um processo que, em linhas gerais, decorre da mais-valia, isto é, do excedente de trabalho produtivo não pago. Esta constituiu a base da acumulação de capital e se tornou a mola mestra da produção capitalista, gerada a partir da exploração da força de trabalho. Em outras palavras, Marx constata que é a exploração do trabalho, e não ele mesmo, que gera a riqueza e que nisso consiste o êxito de acumulação de capital do Capitalismo. Aí está o “segredo” da acumulação “primitiva” e ele teria se dado na transição do feudalismo para o capitalismo. Para gerá-la ele argumenta que foi preciso conceder à classe trabalhadora libertação de sua condição de servos dos senhores feudais ou, como ele explica:

Trabalhadores livres no duplo sentido de que nem integram diretamente os meios de produção, como os escravos, servos etc., nem lhes pertencem os meios de produção, como no caso, por exemplo, do camponês que trabalha por sua própria conta etc., mas estão, antes, livres e desvinculados desses meios de produção. Com essa polarização do mercado estão dadas as condições fundamentais da produção capitalista. A relação capitalista pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho[...] A assim chamada acumulação primitiva não é, por conseguinte, mais do que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ela aparece como “primitiva” porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde. A estrutura econômica da sociedade capitalista surgiu da estrutura econômica da sociedade feudal. A dissolução desta última liberou os elementos daquela. (MARX, [1867], 2011, p. 515)

Se pensarmos que Marx aponta a função cumprida pela servidão se mantém na relação trabalho-salário, advindo justamente da liberdade de venda da força de trabalho que, por sua vez, produz a mais-valia e a acumulação primitiva, esse excedente pelo que não é pago. A mais-valia se torna o “caixa” que o modo de produção capitalista precisou para alavancar seu desenvolvimento.

Essa e outras análises fazem de Marx uma referência incontornável sobre o funcionamento do capitalismo. Contudo, Marx não contabilizou o trabalho não remunerado e reprodutivo das mulheres, partes da acumulação primitiva e da formação do proletariado mundial.

3 Qual o problema dessa análise? O que nos diz Federici?

Em primeiro lugar Marx não considerou que essa pseudolibertação da servidão, substituída pela relação Capital-salário, na transição do feudalismo para o capitalismo, não foi extensiva à toda classe trabalhadora. As mulheres saíram da servidão feudal para outro modelo de servidão mais severo e invisível do que impôs aos homens. Portanto a libertação só se aplicou aos homens. Além disso, a acumulação de capital contou com outras formas de mais-valia além das que foram analisadas por Marx. Seguindo Mariarosa Dalla Costa e Selma James, Federici inicia a investigação que mostrará que foi justamente a desvalorização social da produtividade do trabalho doméstico que serviu de estratégia invisível de acumulação de capital. Ela explica que para maximizar lucros garantir a concentração e a acumulação da força de trabalho, a “assim chamada” acumulação primitiva realizou outras estratégias que Marx não viu: forjou antagonismos no interior da classe trabalhadora, destruindo a solidariedade e cumplicidade possível e substituiu-a por intensificação da misoginia e perseguição às mulheres. Recorrendo à contribuição analítica de Maria Mies, Federici revê esse processo, tomando como prova o fenômeno da Caça às bruxas (MIES, 1986) e a acumulação primitiva⁴. No trabalho de Mariarosa Della Costa e Selma James (DALLA COSTA; JAMES, 1975), Federici observa a função estratégica da reprodução da força de trabalho desempenhado pelas mulheres, também implicada na formação da acumulação primitiva.

Com maestria Federici procura mostrar que se pode constatar que o Capitalismo não instituiu a mesma condição para as trabalhadoras e os trabalhadores; para as mulheres foi planejada e executada a posição de doadoras sem remuneração de sua força de trabalho, o que as tornou subalternizadas em relação a sua própria classe social, mas também permitiu o enriquecimento do capitalismo, que agora poderia seguir remunerando o trabalhador assalariado contando com o trabalho não remunerado das mulheres, que cobrem as tarefas de cuidado pelas quais o salário deveria ser capaz de pagar para que os trabalhadores paguem pelos serviços de cuidados da casa e de suas necessidades que os tornam aptos à produtividade exigida pelo Capital. Federici chama a

4 É bom que se diga que Mies se inspira na tese de Rosa Luxemburgo sobre a Acumulação Primitiva, uma vez que Luxemburgo considera, diferente de Marx, que o Capitalismo se alimenta de elementos externos a ele transformando-os em mercadorias.

atenção para o fato de que o confinamento das mulheres para realização do trabalho doméstico foi produzido por várias ações políticas e tornou-se a grande forma de acumulação do capitalismo, sem a qual não seria possível mensurar seu potencial de desenvolvimento nos termos em que vê historicamente. Portanto, parte indispensável da acumulação primitiva estava fora das considerações de Marx, mesmo com sua indispensável análise, já que sem contabilizar a exploração e o domínio da força de trabalho das mulheres na área não remunerada não é possível ver que a libertação da servidão na transição do feudalismo para o capitalismo só se deu para os homens, enquanto às mulheres estava reservada uma servidão ainda mais instituída e intransponível, porque invisível, do que para os homens. Os corpos das mulheres se convertem em duplo investimento para servidão: internamente e externamente.

4 O corpo que gesta, o corpo que pare, o corpo que cuida: a acumulação primitiva invisível

Embora a noção de força de trabalho, já formulada por Marx, implique a reificação do corpo, a perspectiva trazida por Federici abre o campo de visão para incluir elementos que se encontram fora ou separado do que teria sido o processo de acumulação primitiva. Enquanto os cuidados domésticos não remunerados configuraram o esteio para que os trabalhadores homens assalariados estivessem preparados para produzir a serviço do Capital, a reprodução garantia o aumento populacional, prisioneira da relação Capital-salário. O salário patriarcal se dava por intermédio da conexão produtiva explorando homens e mulheres ao mesmo tempo em que permitia que os últimos subalternizassem as primeiras. Duas formas de produção: uma visível e uma invisível, ambas conectadas. A mais-valia ganha aqui a versão concreta na qual se deu historicamente: o trabalho doméstico e reprodução estão mais que implicados no cálculo do Capital, foram as condições de possibilidade da acumulação.

Apesar de gravidez e nascimento serem fatos naturais em si mesmos, quando produzidos e usados como geração de força de trabalho deixam de ser um processo espontâneo inerente às vidas e relações humanas para se converter em mecanismo de sua mercadorização e reificação. Com a constatação das relações sociais e dos modos de vida feitas objeto de intervenção nesse nível de investimento, uma segunda limitação da análise de Marx estaria em só enxergar a reprodução como expropriação capitalista para a manutenção da classe e não para a produção de mais-valia. Federici destaca que Marx foi capaz de ver o corpo das mulheres como objeto de investimento do Capital quando, em *O manifesto Comunista* o filósofo destaca o papel que a geração de herdeiros

desempenhava nas classes dominantes. Mas a potência da análise de Federici está em colocar em perspectiva o fato de que os úteros das proletárias também foram postos como instrumento de controle de classe e gênero. Para converter o útero em fábrica de força de trabalho foi preciso uma avassaladora política de aumento populacional: onde entra a *Caça às bruxas*, jogada política a qual podemos atribuir tanto as bases da negação do direito de autonomia reprodutiva das mulheres como do feminicídio. É assim que, ao escrever *O grande Calibã* (FEDERICI; FORTUNATI, 1984), ainda no final do século XX, e *Calibã e a Bruxa* (FEDERICI, 2004), já neste século, Federici renovou a avaliação desse processo de acumulação primitiva e repensou a transição do feudalismo para o capitalismo como fonte de compreensão para a situação das mulheres, gerando uma nova leitura sobre a organização e o desenvolvimento do Capitalismo. Federici vai situar o trabalho doméstico no âmbito da acumulação primitiva; o que torna visível a necessidade de ampliar o escopo da formulação marxiana. As pesquisas de Federici somadas ao trabalho de Dalla Costa, James e Mies, são decisivas para inscrever o papel das mulheres na História da luta de classes e para superação do distanciamento e antagonização entre classe e gênero.

O fenômeno político da *Caça às bruxas*, realizado massivamente nos séculos XVI e XVII, à luz do exame feminista materialista, implicou e resultou na desqualificação e perseguição dos conhecimentos e práticas que as mulheres adquiriram ao longo da história, apropriação de funções criadas e realizadas por mulheres, bem como interferência no uso de sua autonomia reprodutiva e degradação do tecido de relações sociais e parcerias entre as mulheres. Os propósitos de acumulação do capitalismo precisavam gerar um aumento populacional no momento de crise demográfica do século XVI e XVII, o que se produziu por meio de diversas intervenções na vida das mulheres, além de intensificação de antagonismo entre mulheres e homens, controle dos nascimentos e dos abortos, espontâneo ou não. Federici argumenta que a crise demográfica teve seu mais elevado nível de alcance em 1920 e 1930 estimulou o desenvolvimento dos métodos disciplinares do Estado sobre reprodução, tornando o corpo das mulheres como objeto do capital, em especial resultou na *Caça às bruxas*. Na verdade, assassinato das mulheres consideradas bruxas, se institucionalizou em massa, aumentando em último grau a misoginia e a estigmatização das mulheres.

Embora não reconhecido historicamente como tal, Federici mostra que o quantitativo, sem precedentes, de mulheres assinadas só se compara com os genocídios que a História reconhece. O exame que Federici realiza em *Caça às bruxas* nos mostra também que tal política precursora do feminicídio e do colonialismo fizeram do corpo uma maquinaria empresariada pelo Capital de

forma tão concreta e literal e sem a qual o proletariado moderno e o patriarcado em sua versão moderna não teriam sido possíveis. Digamos que o maior *segredo* sistema de produção de mais-valia e acumulação de capital se deu pelo confinamento das trabalhadoras ao trabalho doméstico e ao controle dos seus modos de vida e procriação. Assim, a nova divisão sexual do trabalho resulta tanto da mecanização dos corpos das proletárias, como úteros-fabricantes de força de trabalho, como mão de obra doméstica não remunerada: o corpo que gesta, o corpo que pare e o corpo que cuida é o mesmo: o das mulheres, cujo útero se converte em seção fabril de produção de mercadorias-humanas. Nem Marx nem Michel Foucault foram capazes de ver o que seus corpos não estavam implicados: o disciplinamento e controle sobre os corpos das mulheres. Marx deixou essa mais-valia, indispensável para a acumulação primitiva passar em branco. Foucault não estendeu a tão importante tecnologia sexual que foi capaz de conceber sobre o controle da natalidade, reduzindo o alcance da sua análise por mantê-la na dimensão supostamente neutra ou como afirma Federici:

O que Foucault teria aprendido, caso tivesse estudado em sua História da Sexualidade (1978) a caça às bruxas, em vez de ter se concentrado na confissão pastoral, é que a história não pode ser escrita do ponto de vista de um sujeito universal, abstrato, assexuado. (FEDERICI, 2004, p. 26)

Por essa razão Federici destaca a importância do corpo para as teorias feministas e para a história das mulheres. Nas palavras de Silvia Federici

Se o corpo feminino – como discuto neste trabalho – é um significante para o campo de atividades reprodutivas que foi apropriado pelos homens e pelo Estado e convertido num instrumento de produção de força de trabalho (com tudo aquilo que isso pressupõe em termos de regras e regulações sexuais, cânones estéticos e castigos), então o corpo é o lugar de uma alienação fundamental que só pode ser superada com o fim da disciplina trabalho que o define. (FEDERICI, 2004, p. 23)

Sendo o corpo espaço de alienação durante essas investidas políticas é também espaço a ser conquistado. Por isso a Caça às bruxas se soma à expulsão do campesinato de suas terras, a colonização, a designação das mulheres como produtoras de filhos para atuarem como força de trabalho capitalista e a consolidação do trabalho doméstico como as condições da acumulação de capital que permitiram o desenvolvimento do capitalismo que se repete em todos os momentos que o Capital precisa que se façam.

A situação das “bruxas” europeias e das colonizadas das Américas, da África e Ásia são investidas das quais o Capitalismo não pôde e não pode abrir mão em sua escalada a maximização do lucro. A filósofa vê o processo de racialização – como também o fazem as teóricas decolonialistas ao tratar da configuração do Capitalismo – como elementos centrais na constituição

do proletariado moderno e, portanto, da classe. Temos aí uma mudança na formação da classe social, categoria que agora pode ser compreendida não mais como neutra, mas antes como construída nos recortes da exploração das diferenças, mecanismo de exploração e dominação sem igual.

Se agora pensamos a acumulação primitiva como sempre se reinventando conforme a necessidade do Capital, essa concomitância de outras formas de controle da força do trabalho pode ser concebida como acumulação de capital, conforme podemos constatar ainda em tempos hodiernos. E se a tática utilizada na *Caça às bruxas* como controle de natalidade das mulheres, da sua autonomia reprodutiva e da geração de força de trabalho só foi possível graças à perseguição e ódio às mulheres e sua expulsão dos espaços de trabalho, sem as quais a instituição do trabalho doméstico nos moldes atuais e a renovada acumulação primitiva seria inconcebível há que se pensar que ela persistirá. Não será por obra e graça do Capitalismo que a divisão sexual do trabalho irá se desfazer. Tampouco se desfará a cultura da misoginia que garante o feminicídio como o crime tolerado e alimentado pelo androcentrismo. A palavra de ordem “se nossas vidas não importam produzam sem nós” só se torna factível uma vez que a discórdia entre mulheres e homens da classe trabalhadora tenha terminado ou esteja muito enfraquecida. Fora isso a condição de produção capitalista em nível mundial depende do controle do trabalho e da vida das mulheres. Posto isso, sustento que as revisões urgentes e necessárias acerca da acumulação primitiva e da transição do feudalismo para o capitalismo nos mostram como a complementaridade analítica entre o exame materialista histórico e o exame materialista das bases patriarcais é poderosa para entendermos os meandros da dominação do ser humano por ele mesmo. Talvez essa complementaridade analítica seja forte candidata a cumprir parte das promessas de diagnósticos emancipatórios procuradas pela Teoria Crítica ao conectar cultura e economia com vista ao “germe da transformação social”⁵. Por outro lado, até o momento, nenhum outro esforço teórico senão o realizado pelas diferentes perspectivas feministas, vem se mostrando tão amplo e competente analiticamente para pensar a quebra das correntes.

⁵ Procurei examinar essa conexão entre cultura e economia que emana de Marx à luz da visão do primeiro Hegel a respeito do potencial ético dos conflitos sociais e sua interpretação por Axel Honneth. Ver: CARVALHO, Priscila T.de. Conflitos Sociais, moralidade e Justiça. Revista Ethic@ Florianópolis. Santa Catarina. Vol. 14, n.1. Disponível em <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2015v14n1p13>

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Priscila T.de. Conflitos sociais, moralidade e Justiça. *Revista Ethic@*. Florianópolis. Santa Catarina. v. 14, n.1. Disponível em <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2015v14n1p13>
- DALLA COSTA, Mariarosa; JAMES, Selma. *The power of women and the subversion of the community*. Bristol: falling Wall Press, 1975.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2004.
- _____; FORTUNATI, Leopoldina. *Il grade calibano*. Storia del corpo sociale ribelle nella prima fase del capitale. Milão: Franco Angeli Editore, 1984.
- MIES, Maria. *Patriarchy and accumulation on a world scale*. Londres: Zed Books, 1986.
- MARX, Karl. *O capital. crítica da economia política – livro I*. São Paulo: Boitempo, [1867], 2011.